



## O início da Era Socialista

O ano de 1917 ficou marcado pela luta de um país por melhores condições de vida. Há cem anos, a Rússia derrubou o regime absolutista para se tornar uma nação socialista



DIAGO MADUELL

PÁGINAS 6 E 7

## Alunos ganham prêmio em concurso de games

### O lançamento do aplicativo está previsto para julho

Durante o estágio do Programa de Formação para Desenvolvimento iOs (BE-PiD), os alunos Mateus Cunha, de Desenho Industrial, e Leandro Morgado, de Engenharia da Computação, desenvolveram um jogo de batalhas on-line de pipas. Ao participar do concurso de

aplicativos Campus Mobile, os estudantes transformaram o projeto acadêmico em um produto comercializável e venceram a competição, em São Paulo. Eles desenvolveram um programa para representar e reproduzir com realidade os movimentos de uma brincadeira. A pla-

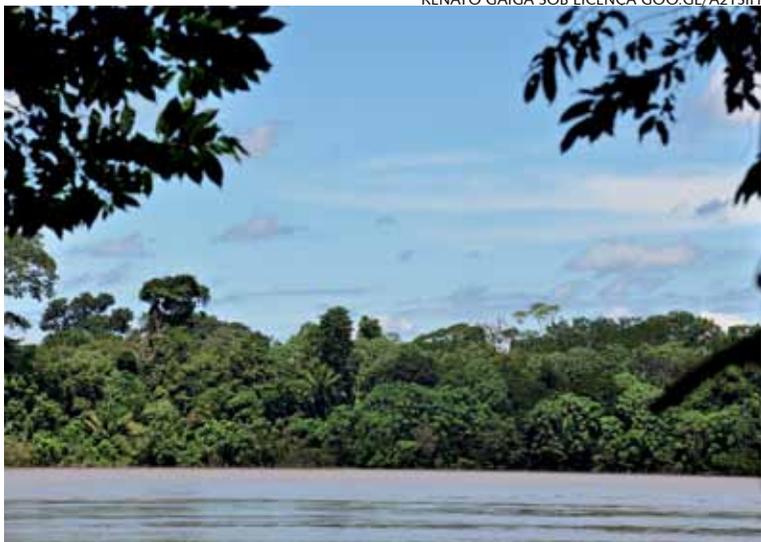
taforma permite que o usuário jogue on-line com pessoas de todo o mundo, em diferentes arenas. Ao ganhar a partida, o jogador acumula pontos e, com isso, se torna apto para subir de divisão. Como prêmio, eles ganharam uma viagem para o Vale do Silício (EUA). **PÁGINA 3**

## Edital para estimular novas ações

O Instituto de Estudos Avançados em Humanidades (IEAHu), do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), lança edital para financiar projetos interdisciplinares. Professores de departamentos do Centro de Ciências Sociais (CCS) e do CTCH podem se inscrever para promover atividades no campus. Os projetos serão avaliados pelo Conselho Consultivo do IEAHu. **PÁGINA 4**

## Campanha reforça cuidado com biodiversidade brasileira

RENATO GAIGA SOB LICENÇA GOO.GL/A2T5IH



O Rio Madeira é um dos afluentes da maior bacia hidrográfica do mundo

Realizada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema Biomas Brasileiros e Defesa da Vida. A ação da CNBB destaca a diversidade dos seis biomas do país e alerta para a importância de preservá-los. Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa têm características próprias e apresentam uma vasta riqueza de fauna e de flora. Mas estudos mostram o risco de degradação de alguns ecossistemas. **PÁGINA 9**

## 56 anos de diálogos com Gilberto Teles

Diferente de tudo o que já produziu, o poeta e professor emérito do Departamento de Letras Gilberto Mendonça Teles reúne, no primeiro volume do novo livro *Memórias Entrevistas*, 111 conversas com a imprensa. Na obra, o autor publica, de forma inédita, um diá-

logo que foi confiscado durante a ditadura militar e que lhe custou um exílio em Portugal e no Uruguai, no final dos anos 1960. Entre os mais de 60 trabalhos de Teles estão críticas, poemas e pesquisas acerca das vanguardas europeias e o modernismo brasileiro. **PÁGINA 11**

### REITOR

O Reitor da PUC-Rio, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., observa em seu artigo que os problemas enfrentados pela sociedade brasileira não podem ser ignorados nas reflexões e meditações de cada um. Ele acrescenta que a Universidade é um espaço para debater ideias e buscar saídas. **PÁGINA 2**

## REITOR

**Contextos distintos,  
dramas semelhantes**

Acabamos de celebrar no mundo católico a Semana Santa, onde os relatos da Paixão de Cristo nos levam a pensar que os dramas em que vivemos no atual contexto da sociedade brasileira, não podem ser ignorados em nossas reflexões e meditações. Sem apelar para uma leitura anacrônica, pois os contextos históricos são distintos, nos parece que as atitudes das pessoas repetem-se nos gestos de grandeza e nas mesquinhas que brotam das posturas do ser humano, revelando nobrezas e fragilidades inerentes à condição humana.

Gestos de traição, atos e palavras violentas, omissões diante da verdade, negações medrosas e escolhas más como aparecem nos relatos são frequentes no nosso contexto social brasileiro, carregado de perplexidades, incertezas, inseguranças e pessimismos. A corrupção que mina os bastidores do poder, acobertando os desvios de conduta, e enfraquecendo a credibilidade de algumas instâncias políticas do país, nos deixam estarecidos, sobretudo diante de carências e demandas sociais, tão urgentes e necessárias para o bem-estar e desenvolvimento de nosso país. A perda de valores do bem comum, do esque-

cimento de que recursos oriundos da sociedade não podem ser apropriados para os interesses pessoais, e a falsidade no exercício da ética no poder confiado pela sociedade àqueles que são os representantes do povo, são posturas pequenas, mesquinhas e injustas que deixam indignados cidadãos crentes e não crentes que procuram viver as regras e leis que regem o Estado de Direito.

Por outro lado, como no relato da Paixão, presenciamos também atitudes justas, dignas e solidárias de pessoas que procuram entregar suas vidas num trabalho honesto, viver com coerência os valores que norteiam as suas opções familiares, educacionais, profissionais e religiosas. Uma massa silenciosa de pessoas que não participa e nem está de acordo com os contravalores que contaminam a sociedade, e geram posturas perigosas para a vida em sociedade. Uma maioria de pessoas que no anonimato da existência lutam por um mundo melhor, mais cheio de paz, e contrário às corrupções nos diversos estratos da sociedade. Um horizonte formado por milhões de pessoas que, diante da crise econômica e o desemprego, procuram dar não somente

o testemunho de austeridade e sacrifícios pessoais e familiares, mas também, conseguem exercer a solidariedade para com os que sofrem a humilhação de pertencer aos mais de 13 milhões de brasileiros desempregados, e sem perspectivas em curto prazo. São estes os verdadeiros valores que movem uma nação miscigenada, otimista e empreendedora, que em contexto de resiliência mostra e manifesta a indignação com o contraditório, mas ao mesmo tempo, procura caminhos alternativos para preservar valores, e manter os verdadeiros princípios, acreditando que as crises nos fortalecem para superar as dificuldades, e nos ajudam a encontrar saídas socialmente mais justas, solidárias e fraternas.

Mergulhada em meio destas atitudes de grandeza e pequenez, a Universidade constitui um espaço privilegiado para debater ideias, buscar saídas e propor soluções inteligentes e razoáveis que garantam a busca da verdade, o progresso da ciência, a defesa social dos fragilizados, a solidariedade com os que sofrem, e a bandeira da ética no exercício da cidadania.

■ PE. JOSAFÁ CARLOS DE SIQUEIRA, S.J.  
REITOR DA PUC-RIO

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA PUC-RIO

**O que nos une**

Na PUC-Rio, o que nos une não é simplesmente o fato de sermos professores, estudantes, funcionários ou antigos alunos de uma mesma instituição. Não nos une como corpo nem a profissão que agora temos ou pretendemos ter no futuro, nem mesmo a nossa religião. Embora a PUC-Rio seja uma universidade católica, a diversidade de crenças religiosas entre os que trabalham ou estudam na nossa universidade e entre os seus antigos alunos, é bem conhecida.

O que deveria nos unir como professores, estudantes, funcionários ou antigos alunos da PUC-Rio são os princípios e valores que como universidade

de inspiração cristã e católica nos orgulhamos de ter, mas que muitos outros, sem serem católicos, nem cristãos, de algum modo também compartilham. Para o cristão a fé exige amor e a primeira exigência do amor é a justiça: amor e justiça em primeiro lugar em relação àqueles e àqueles que hoje mais precisam desse amor e dessa justiça. Esses são princípios e valores que deveriam não apenas inspirar e marcar a nossa vida, o nosso trabalho e atividades na PUC como tal, mas também a nossa vida fora da PUC: a nossa vida familiar e a nossa vida e atividades no mundo, no Brasil em que vivemos.

Como testemunham diariamente os meios de comunicação social, a falta de justiça e honestidade, a corrupção e a ambição que a provoca, infelizmente marcam muitos dos nossos empresários, políticos e governantes. Nesse contexto, é importante que uma instituição como a PUC-Rio, através dos membros que a compõem e dos seus antigos alunos, dê um exemplo dos princípios e valores, do sentido de justiça, de honestidade e respeito pelos outros que como instituição de inspiração católica e cristã deveriam caracterizá-la.

■ PE. FRANCISCO IVERN, S.J.  
VICE-REITOR DA PUC-RIO

www.aapucrio.com.br

## CRÔNICAS DE MEMÓRIA

Memórias do mundo do trabalho

**A Gávea nos tempos  
do trabalho escravo**

NICOLAU FACCHINETTI/ÓLEO SOBRE TELA/COLEÇÃO PARTICULAR



Panorama do Rio de Janeiro tomado da Vista Chinesa (1869)

A região que abriga a Gávea, bairro escolhido para construir o campus da PUC-Rio nos anos 1950, já foi conhecida pelos nomes de São José da Lagoa, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Gávea e Chácara Dona Castorina. Desde o século XVI, os terrenos dessa região foram distribuídos a sesmeiros, proprietários de escravos, que iniciaram o cultivo de cana-de-açúcar.

Até o século XIX, a Gávea era uma freguesia rural distante do núcleo urbano da cidade. O trabalho escravo ainda era predominante nas fazendas e chácaras de aristocratas, como a de José Antônio Pimenta Bueno, o Marquês de São Vicente, que posteriormente deu nome a principal rua do bairro.

O Solar Grandjean de Montigny, que faz parte do campus da Gávea da PUC-Rio, foi construído na década de 1820 pelo arquiteto francês Auguste Grandjean de Montigny sobre as ruínas de pedra da antiga moradia do bandeirante português André de Leão. Nos terrenos próximos, este ergueu

o engenho do Vale da Lagoa e uma olaria que utilizava mão de obra escrava.

A região presenciou uma experiência de organização daqueles que viviam sob a escravidão. Na segunda metade do século XIX, em uma chácara instalada nos terrenos que viriam a fazer parte do bairro do Leblon, escravos fugidos foram acolhidos no Quilombo do Leblon onde trabalhavam no cultivo das camélias. Portar esta flor na vestimenta ou cultivá-la no jardim de casa passou a ser símbolo de apoio ao movimento abolicionista.

A maior parte do espaço hoje ocupado pelo campus da PUC-Rio na Gávea é formada por terrenos adquiridos de diversas dessas chácaras. Os fragmentos das antigas construções e a memória de seus moradores e trabalhadores oferecem pistas para identificar vestígios de tempos passados e compreender as transformações no espaço urbano no qual a Universidade está inserida.

■ EDUARDO GONÇALVES  
E GABRIELLA FIGUEIREDO  
NÚCLEO DE MEMÓRIA DA PUC-RIO

## JORNAL DA PUC

Publicação quinzenal editada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

COMUNICAR - Vice-Reitor Comunitário: Prof. Augusto Sampaio. Coordenador-Geral: Prof. Miguel Pereira. JORNAL DA PUC - Jornalista Responsável e Editora: Profª. Julia Cruz (MTE 19.374). Subeditora: Profª. Adriana Ferreira. Chefe de Reportagem: Profª. Rocélia Santos. Editores de Arte: Profª. Mariana Eiras e Prof. Diogo Maduelli. Conselho Editorial: Professores Adriana Ferreira, Augusto Sampaio, Fernando Ferreira, Julia Cruz e Miguel Pereira. Anúncios produzidos pela Agência.Com. Coordenadora-Administrativa: Rita Luquini. Redação e Administração: Rua Marquês de S. Vicente, 225, 401-K, 22451-900, Gávea, RJ. Telefone: 3527-1140. E-mail: jornaldapuc@puc-rio.br. Impressão: gráfica Folha Dirigida.

**Tecnologia:** Mateus Cunha e Leandro Morgado receberam como prêmio uma viagem ao Vale do Silício, na Califórnia

# Estudantes vencem campeonato de jogos

ANA CAROLINA SALVADOR

Os estudantes de Desenho Industrial Mateus Cunha, 22 anos, e de Engenharia da Computação Leandro Morgado, 33 anos, venceram a 5ª edição do concurso Campus Mobile, na categoria de Jogos, no dia 17 de abril, em São Paulo. Durante o estágio no Programa de Formação para Desenvolvimento iOS (BEPiD), do Laboratório de Engenharia de Software, os dois desenvolveram o jogo eletrônico League of Kites, que transporta as batalhas de rua para os smartphones e tablets.

“  
Toda hora,  
nós fazemos  
e refazemos  
alguma  
característica  
do jogo”

Leandro Morgado

O game reproduz os movimentos da brincadeira de pipa

REPRODUÇÃO



O League of Kites permite que os usuários enfrentem jogadores de várias partes do mundo em diferentes arenas on-line e subam de categoria

Há quase dois anos, eles iniciaram o processo de transformar o trabalho acadêmico em um produto economicamente viável. Como prêmio, os jovens ganharam 6 mil reais, uma viagem para conhecer o Vale do Silício e a Universidade de Standford, nos Estados Unidos.

No site oficial do jogo, um formulário ficou disponível para as pessoas participarem da fase de testes, que foi apresentada na última etapa da competição. Os jovens analisaram como os usuários lidam com a versão experimental do game e fizeram os ajustes necessários a partir das sugestões e avaliações. A previsão é lançar o jogo em junho para as versões Android, iOS e Windows Phone. De acordo com Morgado, a maior dificuldade

com a programação é a grande quantidade de trabalho atribuído aos dois desenvolvedores.

– Elaborar um jogo dá muito trabalho, mas ver o aplicativo na loja vai recompensar. Toda hora, nós fazemos e refazemos alguma característica do jogo.

Com gráficos de alta qualidade técnica, o game tenta reproduzir, com realismo, os movimentos da pipa e dar aos usuários uma experiência inédita de disputar com jogadores do mundo inteiro na plataforma *multiplayer online*. No jogo, o usuário pode entrar com a conta do Facebook e formar a própria mochila com conjunto de pipas de sua escolha. Ao ingressar em alguma arena, ele pode disputar uma partida com um adversário on-line, e quem vencer poderá comprar

pipa de características físicas diferentes. Segundo Matheus, outra característica da brincadeira de soltar pipa é o amor à coleção das pessoas.

– As pessoas gostam muito de colecionar, e a intenção é que elas façam isso no jogo. Nós também queremos abordar a brincadeira de uma forma mais profissional, como se fosse o campeonato oficial do esporte que os usuários gostam.

Para o desenvolvimento do aplicativo, os estudantes fizeram um estudo sobre a brincadeira e descobriram que ela não é típica só do brasileiro, mas também é famosa em outros lugares, como na Índia. Eles explicam que a ideia era fazer um programa profissional e que fosse a cara do Brasil, pois quando viam as prateleiras

de jogos, a maioria era de games estrangeiros referentes a culturas que os brasileiros não têm muito contato. Morgado ressalta que mudar o pensamento das pessoas é um dos objetivos do game.

– Muitas vezes, a pipa é vista como algo marginalizado. O problema não está na brincadeira, mas na falta de espaço, pois é algo legal desde que você solte em um lugar aberto e que não ofereça perigo para as pessoas que estão passando.

Ao invés do cerol, haverá poderes na linha da pipa, que poderá ser usada de forma lúdica. O humor também fará parte da diversão. O jogo vai permitir uma mensagem provocativa no momento em que um usuário corta a pipa do outro. Assim como nos jogos de futebol, há

mecânicas no game para premiar o usuário à medida que ele vencer as partidas. O competidor poderá ganhar pontos, ser promovido e subir de divisão, como o craque, a estrela e a lenda.

Para Matheus, a pipa reflete a criatividade do brasileiro, pois os materiais usados são simples. Apesar disso, há um apego àquele objeto que ultrapassa o valor material, mas que diz respeito ao preço da conquista da peça. O estudante ainda explica que a ligação com a cultura brasileira foi algo que os motivou a criar o game.

– É uma brincadeira muito popular, sempre presente na vida do carioca e ainda que ele não esteja brincando diretamente, já esteve envolvido naquele meio.

**Parceria:** Instituto de Estudos Avançados em Humanidades lança documento para patrocinar iniciativas na Universidade

# Apoiar o saber compartilhado

Projetos e ações interdisciplinares dentro da PUC podem ser financiados

FOTOS LUCAS SIMÕES

MARCELO ANTONIO FERREIRA

O Instituto de Estudos Avançados em Humanidades da PUC-Rio (IEAHu), do Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH), busca incentivar uma das características da Universidade: o caráter interdisciplinar. E, em parceria com o Centro de Ciências Sociais (CCS), o IEAHu lança o primeiro edital, que tem como objetivo financiar e promover projetos e encontros entre diferentes departamentos.

De acordo com o documento, disponível no site [goo.gl/DTi5gG](http://goo.gl/DTi5gG), o IEAHu busca fomentar práticas interdisciplinares, interdepartamentais e interinstitucionais. É um total de R\$ 35 mil em recursos, destinado à produção de cinco propostas separadas na Categoria A, com orçamentos em até R\$ 5 mil; e Categoria B, produções de médio porte, com custos entre R\$ 5 mil a R\$ 10 mil. Todos podem ser contemplados para o segundo semestre de 2017.

Os projetos serão avaliados pelo Conselho Consultivo do IEAHu, que é composto por 11 pessoas de diferentes Centros. De acordo com a coordenadora do Instituto, professora Luisa Buarque de Holanda, do Departamento de Filosofia, o edital tem a capacidade de promover projetos de diversas estruturas. O essencial é que ele tenha o aspecto interdisciplinar.

– Esse edital foca em eventos acadêmicos, ou, também, culturais, e que envolvam, no mínimo, dois departamentos, voltados para Humanidades, porém no sentido mais amplo possível. E ainda abarcar as ciências so-

ciais e as artes. A ideia é de alargar cada vez mais as fronteiras. Quando dizemos “eventos” é porque buscamos dar um nome amplo o suficiente para que se possa abranger iniciativas de ordem acadêmicas no plural.

Por serem idealizados por diferentes departamentos, os projetos desfrutam de maior liberdade estrutural, porém, no caso desse primeiro edital, é necessário que a produção seja encabeçada por um professor da Universidade, explica Luisa.

– É claro que se pensa, em primeiro momento, nos mais frequentes e recorrentes dentro das nossas práticas de pesquisa, que são os seminários, congressos e encontros. Mas isso também pode extrapolar para performances e mais. A ideia é: proponham. Pois estamos aqui para, na medida do possível, apoiar as propostas. Por enquanto, temos restrições, pois o edital não pode contemplar todo tipo de evento. Esse primeiro é para professores, o que não significa que, na equipe de organização, não possa haver mais pessoas envolvidas, porém o preponente precisa ser um professor do quadro principal da PUC.

Presente na palestra de lançamento do edital, o Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., destacou a importância de um Instituto que promova o saber compartilhado, em um cenário contemporâneo que mostra o quanto as relações humanas estão abaladas.

– O IEAHu tem um papel muito importante para equilibrar a interdisciplinaridade. Eu acho que, hoje, essa defasagem da humanidade é muito forte. Nós sabemos



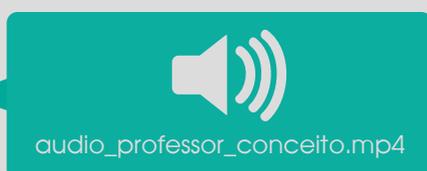
Acima, o Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira S.J., e os decanos Luiz Roberto Cunha e Júlio César Diniz

A coordenadora do IEAHu, a professora Luisa Buarque de Holanda, durante a palestra de lançamento do edital



que, historicamente, ambos Centros estão profundamente ligados. Vejo com muito entusiasmo essa união. Até mesmo a religião clama por esse compartilhamento de saber. Ele vai nos ajudar a superar essas fragmentações departamentais, o que é muito próprio da nossa Universidade. Um debate mais integrado para as questões humanas e sociais.

GRAVEI O QUE ELE DISSE E PUBLIQUEI



renomear: fala\_aluno\_17.1.mp4

COPIOU,  
COLOU E  
NÃO CITOU:  
DANÇOU.

SEJA DONO DA SUA IDEIA.  
PLÁGIO É CRIME.



ELISSA TAUBLIB

**Dissertação:** Trabalho de mestrado discute a influência do gestor no comando de empresas

# Características de um bom líder

Para autora, chefe deve ser transparente, justo e correto

O que caracteriza um bom líder no ambiente de trabalho? De que forma ele influencia o ânimo e a satisfação dos funcionários? Esses questionamentos são respondidos na dissertação de mestrado em Administração, pela PUC, de Raffaella Sauerbronn. O estudo sobre liderança autêntica discute atributos como transparência ética, autoconhecimento e justiça.

Gerente de equipe na BB Gestão de Recursos – Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S.A. (BB DTVM), Raffaella explica que o bom líder não busca status ou poder e não é cópia de ninguém. Ela marca que a autenticidade do profissional é perceptível quando as ações estão alinhadas com o que líder acredita. Destaca, ainda, a relação entre o conceito de presença afetiva e o que se refere como contágio emocional. A gerente nota que a afetividade influencia na saúde e no bem-estar dos funcionários.

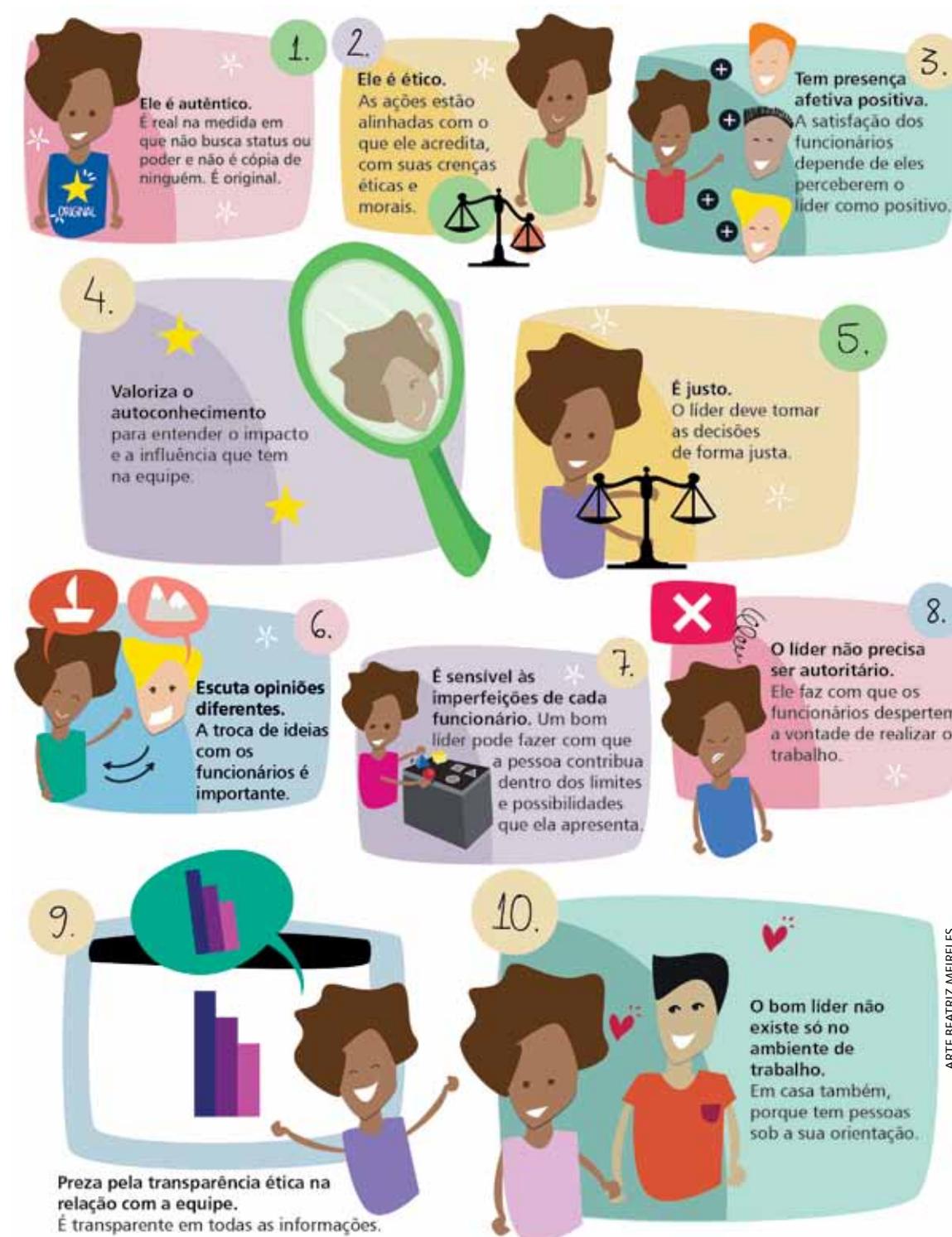
– O líder é uma referência, ele vai orientar todos para executar uma tarefa. Se ele está estressado, o moral da equipe fica para baixo e prevalece um sentimento ruim. Se as pessoas percebem o líder como positivo, elas ficam mais tempo na empresa.

A pesquisadora afirma que o chefe de um estabelecimento deve valorizar o autoconhecimento, de forma a compreender a influência que tem nos funcionários. Ela aponta, também, que o líder deve tomar as decisões de forma justa e deve valorizar opiniões divergentes.

– A troca de ideias com os funcionários é importante. Em muitos casos, quem está em uma posição de liderança acha que sabe tudo, mas ele tem que ouvir o que as pessoas têm a dizer: todo mundo tem algo a contribuir. Quando passei a ser gerente de uma equipe, entendi que, para se fazer um bom trabalho, você tem que procurar entender e discutir.

De acordo com a mestre em Administração, o dirigente deve ser sensível com relação às imperfeições e problemas de cada empregado. Raffaella expõe que quando há casos, no trabalho, em que um dos integrantes de uma equipe não produz, a presença de um bom líder pode fazer com que essa pessoa contribua dentro dos limites e possibilidades que apresenta.

O gestor, na opinião da pesquisadora, deve direcionar os



trabalhadores para o objetivo comum. Ela alega que liderança não diz respeito à autoridade, mas a fazer com que os funcionários despertem neles mesmos a vontade de realizar o ofício. Para Raffaella, a transparência ética na relação do gerente com a equipe é importante.

– Grande parte da minha pesquisa foi inspirada em uma ex-chefe minha, que hoje já está aposentada. Ela é considerada por muitos uma líder autêntica, porque sempre foi transparente em todas as informações. Isso, tanto em relação ao que tínhamos que produzir,

quanto no que condiz aos processos de mudança que ocorriam na empresa.

Orientadora da dissertação de Raffaella e coordenadora de pesquisa no IAG, Flávia Cavazzote declara que o líder transparente não tem agenda oculta, o que o torna confiável perante

a equipe. A professora de Administração e Liderança reconhece que o gestor verdadeiro e aberto transmite segurança ao grupo.

– Ele diz o que pensa e faz o que diz. O líder autêntico é transparente e correto. Ele lidera por convicção, tem consciência sobre suas limitações e se preocupa com o impacto que tem nas pessoas e nas organizações.

Flávia alega que muitas ideias sobre liderança divulgadas na mídia empresarial não se baseiam em uma investigação científica. Ela afirma que, para incentivar políticas eficazes, a seleção e formação de lideranças deve se pautar em princípios robustos e verificados.

– A pesquisa sobre este tema é importante porque a liderança é um catalizador de processos que podem ser extremamente produtivos e gerar crescimento para as pessoas e as empresas, ou não. Quanto mais conhecimento tivermos, melhores serão as nossas práticas e todos os processos que visam otimizá-las.

Raffaella acredita que este é um momento de reflexão para quem exerce um cargo de chefia. Ela ressalta a importância de se conhecer o papel do líder e de se ter consciência do impacto que ele tem na equipe. A mestre relata que resolveu se aprofundar no tópico de liderança após ser aluna de Flávia Cavazzote na disciplina sobre liderança. Ela diz que, no curso, relacionou o tema com situações não só do trabalho, mas também da vida pessoal.

– Você também é um líder em sua casa, dentro da perspectiva de que você tem funcionários, outras pessoas que estão sob a sua orientação. Na aula, discutimos a crise de liderança política no Brasil, e compreendi que o assunto tem muitos desdobramentos – conta a administradora.

# O ano I da Revolução Russa

No maior país do mundo, um movimento marcado por contrastes completa 100 anos

BELL MAGALHÃES E THAYS VIANA

Na madrugada de 24 para 25 de outubro de 1917, os bolcheviques organizaram uma insurreição que tomou o Palácio de Inverno, em São Petersburgo, Rússia. Foi o fim da era dos czares e a implantação do regime socialista marxista. Desde então, a Rússia começou a quebrar paradigmas e a trilhar um caminho que se tornou definitivo para o país e o mundo. Nem ela e nem o Ocidente seriam os mesmos.

Ironicamente, o movimento que ficou conhecido como Revolução de Outubro, na realidade, foi deflagrado no mês de novembro. Há uma diferença de aproximadamente 13 dias do calendário juliano para o gregoriano, que só foi adotado após a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1918.

No início do século XX, a Rússia era um país agrário e rural – 80% da população viviam no campo – com uma economia considerada atrasada em relação ao resto da Europa. A indústria era incipiente, enquanto em outros países, como Inglaterra, Alemanha e França, ela já estava em um estágio de produção mais avan-

çado. O país, que ocupa uma área de 17.100.000 km<sup>2</sup>, transitava entre uma agricultura forte e o campesinato muito explorado.

Professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Fernando Vieira afirma que a agricultura ainda não havia atingido uma etapa capitalista e estava em processo de modernização. Por outro lado, a indústria era centrada nos setores mais tradicionais do capitalismo como a siderurgia, indústria bélica, têxtil e de alimentos.

– Ela enfrentava uma grande contradição, fruto dessas “duas Rússias”: uma que buscava se aburguesar e outra, tradicional, centrada na autoridade do czar e na aliança com os novos proprietários.

Na política, esta nação do Oriente ainda vivia sob a sombra do absolutismo e era comandada por imperadores que, durante séculos, implantaram medidas que propiciaram as grandes desigualdades sociais: no século XX, o país tinha uma população de 170 milhões de pessoas, grande parte analfabeta. Todo este contexto socioeconômico e político provocou uma série de insatisfações. Some-se a isso que a Rússia se envolveu em dois conflitos que causaram mais descontentamento. Entre 1904 e 1905, os russos perderam para os japoneses a briga pelos territórios da Coreia e da Manchúria. Mais tarde, ao entrar na Primeira Guerra Mundial, ela sofreu várias derrotas que desmotivaram e desmoralizaram mais ainda o povo.

Greves e rebeliões passaram a fazer parte do cotidiano dos russos, cada vez mais insatisfeitos, especialmente com atos radicais com relação ao operariado. Um dos momentos críticos foi em janeiro de 1905, com o chamado Domingo Sangrento, quando soldados do império fuzilaram manifestantes. Tal atitude levou a mais inconformismo por parte das camadas populares. Tanto assim, que, em outubro, o czar Nicolau II im-

plantou uma série de ações, como a criação da Duma (Parlamento), uma tentativa de aplacar os ânimos de operários, homens do campo e burgueses. Segundo o professor Mário Ângelo Brandão, do Departamento de História, a Rússia vivia um período de enorme carestia, experiência que ele qualifica como terrível e devastadora, agravada pela Primeira Guerra.

– Quando o rei foi obrigado a aceitar uma espécie de monarquia constitucional, ele aceitou o diálogo com duas instâncias, uma delas, o parlamento, e, a outra, os soviets, que eram os conselhos populares – assinala.

Vladimir Lênin considerava que os fatos que ocorreram em 1905 foram o início da luta pela implantação do socialismo marxista. Inspirado nas ideias do filósofo Karl Marx, escritas no século XIX, o líder dos bolcheviques trabalhou com o conceito de luta de classes, desenvolvido pelo teórico, mas com adaptações para a realidade do século XX. Assim, a classe trabalhadora deveria organizar uma ação revolucionária com o objetivo de extinguir o capitalismo e promover mudanças socioeconômicas.

De acordo com Brandão, o fato de as ideias marxistas terem encontrado um terreno fértil na Rússia era algo mais ou menos previsível. Tanto que, diz, não por acaso a segunda tradução de *O Capital*, de Marx, foi para o russo.

– Você tem uma penetração significativa dessas ideias. Há uma inteligência urbana que discute e debate esses temas. As leis marxistas trazem uma solução, uma resposta racional para um mundo que se propõe mais moderno.

Para o professor Leonardo de Carvalho, do Departamento de História, o discurso de Lênin era coerente e linear.

– A grande felicidade de Lênin foi conseguir captar, como uma antena, quais eram os anseios da população na-

quele momento e direcionar um discurso radical para conseguir esses objetivos. Mas em termos de estratégia política, ele se moldava em torno das situações.

Em fevereiro de 1917, sem conseguir controlar o clamor popular e a insubordinação de militares, o czar abdicou, foi preso e, posteriormente, fuzilado. Um governo provisório foi instalado, de caráter liberal e burguês. Um dos comandantes da revolução de fevereiro, Alexander Kerensky foi nomeado como Ministro da Justiça e ainda exerceu as funções de Ministro da Guerra e Primeiro Ministro. Mas o sistema apresentava muitas fragilidades, inclusive porque protelou reformas. Com isso, houve uma propagação da violência, como dois mil casos de assassinato de proprietários de terras por camponeses. O governo provisório foi derrubado pelos bolcheviques, comandados por Vladimir Lênin e Leon Trotsky.

Após assumir o país, Lênin tomou algumas atitudes: retirou a Rússia da Primeira Guerra, implantou forte controle político, nacionalizou bancos e indústrias, transferiu a capital para Moscou. O líder dos bolcheviques, no entanto, travou ainda muitas lutas até conseguir apaziguar os diversos grupos existentes na nação e estabilizar o novo sistema político. Carvalho lembra que, de 1918 até 1921, a Rússia enfrentou uma guerra civil, na qual se envolveram 16 nacionalidades, entre ingleses, franceses e alemães.

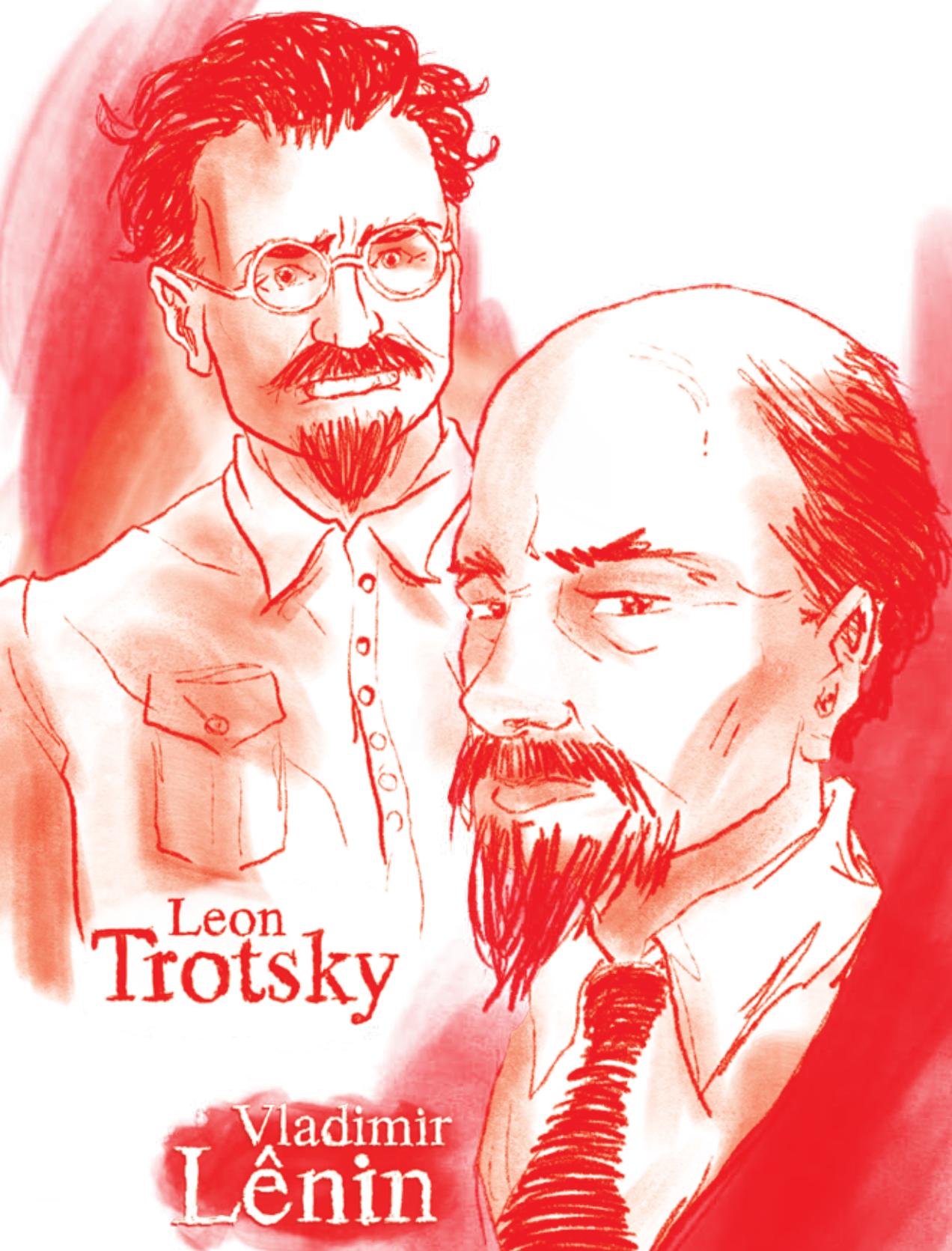
– Os outros países ficaram surpresos quando a Revolução ocorreu, durante a Primeira Guerra. Boa parte das nações capitalistas que estavam envolvidas nesse grande conflito mundial vão ficar muito preocu-

IMAGENS DO LIVRO 'THE RUSSIAN BOLSHEVIK REVOLUTION', D.



início do protesto, em São Petesburgo, em julho de 1917

р  
у  
с  
с  
к  
а  
я  
р  
е  
в  
о  
л  
ю  
щ  
и  
я



padas com o exemplo que poderia vir da Revolução Russa. Um medo de que esse bolchevismo internacional tomasse conta da Europa – observa.

Durante o processo de consolidação do regime, Lênin fundou um partido único, o Partido Comunista. Em 1922, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi criada. Decisões que sinalizavam que outros tempos estavam por vir.

– Aos poucos, o país adquiriu uma bagagem cultural com a renovação da literatura, que já era fantástica, o surgimento da poesia concretista, e diálogo com o dadaísmo e o futurismo. A Rússia tinha uma tradição cultural muito forte e com a revolução ela se liberta um pouco dos formalismos. Mas aí gera um embate interno – assinala Vieira.

Já para Carvalho, houve um outro ponto positivo, a redefinição do papel social da mulher, que passou não só a integrar a produção mas também se tornou presente no mercado de trabalho.

– Com a Revolução Russa surgiu um modelo de sociedade, de economia, e também um modelo de representação cultural que, em três décadas para a frente, vai acreditar que tem poderes e potencial de ser um modelo para o resto do mundo. É algo que só vai ter paralelo com a sociedade norte-americana, que no século XX vai se tornar hegemônica – analisa.

Cem anos depois, o país tenta estabelecer uma nova identidade com o fim da URSS, no início da década de 1990. Carvalho co-

menta que a Rússia rural ficou para trás e se tornou uma sociedade moderna, com grandes cidades urbanizadas, grandes universidades e centros de pesquisas respeitados até hoje. Mas, por outro lado, o professor acha que há marcas a serem superadas.

– Sem dúvida, dá para ver que a Revolução Russa deixou um legado. O Estado russo, como organização pública, ele ainda é herdeiro do estado soviético. A Rússia continua sendo, aos olhos do Ocidente, um lugar onde existem governantes autoritários, corruptos, onde a violência não é condenada abertamente. Então, há uma intolância recorrente.

Vieira observa que tanto Boris Yeltsin quanto Vladimir Putin representam modelos autoritários que aprofundaram o nacionalismo russo e pouco contribuíram para a questão democrática.

– Putin, diferente de Yeltsin, avançou na questão social recompondo algumas perdas após o fim da URSS. Isso explica parte do apoio que obtém no país.

Pelo lado econômico, comenta o professor, o fim da URSS resultou na formação de empresas ligadas aos quadros dirigentes do antigo PCURSS (PCUS), que se inseriram no mercado monopolizado e, com isso, houve geração de fortunas individuais.

– Hoje, a Rússia é um Estado que se recupera militarmente e que busca nova inserção nas relações internacionais. A postura adotada na Guerra na Síria revela a retomada de um protagonismo.

Ataque à polícia do Czar nos primeiros dias da revolução de março



**Cinema:** Aluno de Comunicação Social participa de projeto Entrejovens e relata a luta pela subsistência em Manari

# Narrativas da seca sertaneja

Vivência com moradores do interior de Pernambuco vira curta-metragem

ERICK FOTI

Retrato da seca e da pobreza que assola grande parte do Nordeste, a cidade pernambucana de Manari, que fica a 400 quilômetros de Recife e está entre os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do país, tem recebido o auxílio do projeto Entrejovens. A iniciativa envolve pessoas de diversas cidades e promove ações para melhorar a qualidade de vida dos moradores da região, como distribuição de água e cestas básicas, contratação de carros pipas e construções de cisternas. O estudante do 3º período de Comunicação Social Matheus Aguiar participou do projeto no mês de janeiro e transformou a experiência em um curta-metragem, que será lançado em maio.

Na etapa de vivência, os participantes moram, por um dia, na casa de um sertanejo e acompanham a rotina da

“  
Eles têm  
consciência  
de que se não  
se ajudarem,  
ninguém  
ajudará  
”

Matheus Aguiar

família. Segundo Matheus, a participação na viagem foi motivada pelo desejo de ajudar e mostrar a realidade local. No segundo dia em Manari, o pastor local Antônio Manuel do Nascimento Filho, que intermedia o contato com o conglomerado de igrejas responsáveis pelo projeto, buscou os jovens nos alojamentos para dar início à etapa de vivência. Sem nenhum aviso prévio, as famílias que receberam os missionários foram surpreendidas com o pedido para servirem de abrigo por uma noite.



Única forma de acúmulo de riqueza dos sertanejos, o rebanho é alimentado e cuidado por um dos filhos de Tota



Filhas do Tota lavam a louça com água de poço enquanto uma panela ferve em um fogão de barro no chão

Matheus conta que foi acolhido pelo chefe de uma família, identificado apenas como ‘Senhor Tota’, que prontamente aceitou a proposta, baseado na confiança que tem no pastor. Ele ficou hospedado em casa de taipa (pau a pique), com apenas dois cômodos – um quarto e uma sala, onde mora uma família de 11 pessoas. A comida é feita do lado de fora da casa, no chão, em um pequeno fogão à lenha feito de pedra.

No pouco tempo em que ficou na periferia de Manari, um dos pontos que chamou a

atenção do estudante foi a divisão das tarefas domésticas, que é bem delimitada. Enquanto o homem é encarregado da agricultura e dos cuidados com o gado, a mulher é responsável pela comida, a limpeza da casa e das roupas. Matheus explica que o clima seco predominante na região torna difícil plantar e manter o gado vivo. Por isso, os homens na maior parte do tempo não fazem nada. A decisão de comprar uma cabeça de gado é pensada como uma forma de se manter o pouco dinheiro das famílias em segurança, já que

não há bancos na região.

– A forma de acúmulo de riqueza é a compra de gado. Eles fazem isso porque o gado não perde o valor e pode ser vendido ou abatido para alimentar as famílias. Além disso, a cria pode se tornar uma boa fonte de renda. Um dos grandes problemas para manter o gado é a falta de água.

A escassez desse recurso impede o cultivo de plantações, a subsistência do gado e as famílias ficam impossibilitadas de ganhar algum dinheiro além do Bolsa Família. Em

conversa com Matheus, Tota disse que a água consome a maior parte da renda mensal da família. Essa quantia é gasta com caminhões pipa e, mesmo assim, é insuficiente para que se consiga manter uma agricultura rentável.

Dentre todas as dificuldades para sobreviver no interior pernambucano, a falta de transporte é apenas mais um problema da população local. Ao conviver com Tota, Matheus descobriu que o único transporte que faz o trajeto entre a casa da família e o centro de Manari é particular e passa duas vezes ao mês. Todas as compras são feitas nessas poucas oportunidades e são cobrados R\$ 15 por pessoa que utiliza o veículo, mais R\$ 3 por sacola que carrega. Quando alguém precisa de assistência médica, há um valor exclusivo que pode variar de R\$ 150 a R\$ 200 para levar o enfermo até um posto médico.

Segundo Matheus, durante toda a estadia, foi “tratado como um rei”. A família não mediu esforços para dar o melhor que eles tinham. O estudante relatou que dormiu em uma rede, enquanto alguns familiares passaram a noite no chão, e que comeu coco fora das horas de refeição, o que é considerado um agrado. A solidariedade e o acolhimento da população impressionaram positivamente o estudante.

– A população de Manari é muito pobre e, mesmo assim, é muito solícita às pessoas que passam por uma situação pior do que a delas. Se uma família que não tem nada pedir um quilo de alimento para o Senhor Tota, eu não tenho dúvida de que ele ajudará. Eles têm consciência de que, se eles não se ajudarem, ninguém ajudará.

Segundo Matheus, o trabalho dele no sertão brasileiro ainda não acabou. Ele deseja ajudar outras famílias a ter uma condição de vida um pouco melhor e espera que o curta-metragem possa, além de mostrar a realidade da região, despertar o interesse de outras pessoas em ajudá-los.

DIVULGAÇÃO

**Meio ambiente:** Campanha da Fraternidade de 2017 alerta para o valor de cuidar dos ecossistemas existentes no país

# Beleza por trás dos biomas brasileiros

Pesquisas são importantes para preservação dos recursos

JONATHAN WILKINS SOB LICENÇA GOO.GL/AZTSIH



O Parque Estadual dos Pireneus, na região Centro-Oeste, é uma área de preservação no Cerrado, um dos biomas mais desmatados do Brasil

THAÍS SILVEIRA

Com o objetivo de cuidar da biodiversidade brasileira e estabelecer relações com a cultura de povos locais, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elegeu como tema para a campanha deste ano Fraternidade: Biomas Brasileiros e Defesa da Vida. A ação alerta para os impactos socioambientais causados pelo homem. E com o lema Cultivar e Guardar a Criação, a iniciativa reforça o compromisso de preservar os ecossistemas.

Segundo a coordenadora do Departamento de Ciências Biológicas, professora Rejan Rodrigues Guedes-Bruni, os biomas podem ser definidos como espaços geográficos de grandes dimensões que têm um padrão de macroclima e de fitofisionomia, que é a forma como a vegetação se expressa. Além disso, um conjunto de fatores, como solo e relevo, estabelecem

um bioma. Rejan destaca que o interessante da campanha da CNBB é fazer uma religação do homem ao espaço natural.

– O homem moderno vai nos afastando da comunicação sensível. Mas não existe uma dissociação entre ele e o meio ambiente. Compartilhamos uma natureza forjada há centenas de milhões de anos. O homem é parte e não à parte dela.

No Brasil, são seis biomas: Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa. A Amazônia é um bioma florestal que abriga a maior bacia hidrográfica do mundo, enquanto o Cerrado é reconhecido como a savana mais rica do planeta, com quase 12 mil espécies de planta. Dez estados são ocupados pela Caatinga, que reúne quase 1.500 espécies animais. A Mata Atlântica é um conjunto de formações florestais reconhecido como Patrimônio Nacional. As paisagens do Pampa variam de

serras a planícies, e o Pantanal é uma das maiores extensões úmidas do planeta.

O Reitor da PUC, padre Josafá Carlos de Siqueira, S.J., explorou a espiritualidade presente nos biomas em palestra que uniu saber e sabores do Brasil, no Centro Loyola de Fé e Cultura, no dia 5 de abril. Foram apresentadas comidas típicas de cada bioma, para mostrar a diversidade das regiões. Nesse coquetel ecológico, o Reitor destacou os simbolismos presentes na natureza e as lições que podemos tirar dela. Ao comentar sobre a Caatinga, ele usou o juazeiro, que mantém os frutos na seca.

– Estruturas interiores profundas nos fazem florescer. Assim é possível sobreviver às adversidades. Os estados de consolação e desolação são parte da vida. Se não tivermos reservas espirituais, como viver?

Nessa leitura, padre Josafá também utilizou os biomas

para ressaltar que devemos ter esperança diante do sofrimento e capacidade de rebrotar, assim como a natureza.

– Precisamos segurar a corda da fé. Ela deve ser estendida e, assim, vamos caminhar juntos, de mãos dadas.

Dentro dessa perspectiva, a preocupação com o desmatamento é crescente. O professor Bernardo Strassburg, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente, coordenou um estudo que foi publicado na revista *Nature Ecology & Evolution*. O artigo *Moment of truth for the Cerrado hotspot* alerta para a extinção de espécies no Cerrado e propõe soluções para o problema. Segundo ele, a pecuária corresponde a 75% da área destinada ao agronegócio no Brasil, e esse espaço é muito mal utilizado. A questão, observa, é usar de forma eficiente as áreas já desmatadas.

– O país tem, em média, uma vaca por hectare, quando

poderia ter três. A chave para conciliar o agronegócio e o desenvolvimento sustentável é expandir a agricultura para as áreas de pecuária – afirma.

Strassburg, que é diretor do Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS), comenta que se fala muito sobre a Amazônia, mas o Cerrado e Mata Atlântica são biomas mais ameaçados. Os dois são considerados *hotspots* brasileiros – áreas com grande biodiversidade que já perderam muita extensão. Ele ressalta que o desmatamento pode causar uma série de problemas locais, como erosão do solo e deslizamentos de terra, além de comprometer a qualidade do ar e desregular o clima. A falta de vegetação também causa crise hídrica, uma vez que a absorção de água da chuva diminui. E há consequências globais,

“  
O homem moderno vai nos afastando da comunicação sensível”

Rejan Rodrigues Guedes-Bruni

como mudanças climáticas e perda de biodiversidade.

– Não importa onde uma queimada está acontecendo. Afeta a todos. O desmatamento no Cerrado, por exemplo, não é um problema só brasileiro.

A professora Agnieszka Ewa Latawiec, do Departamento de Geografia e Meio Ambiente, que também participou do estudo sobre o Cerrado, afirma que se deve pensar de forma sistêmica, porque uma alteração em um bioma se reflete nos outros. Além disso, ela acredita que é importante colocar em prática pesquisas de sucesso a fim de preservar os recursos do país. E frisa como é importante que haja fiscalização para respeitar os limites do ambiente.

– O volume de vendas de agrotóxicos no Brasil é preocupante, por isso é importante ter controle por lei. Também falta conscientização das pessoas. Por isso, é importante aplicar os estudos de sucesso.

**Esporte:** Praticada em diversos países, nova categoria esportiva ganha adeptos em todo o Brasil

# CrossFit: marca, esporte e saúde

Atividade física de alta intensidade sem contraindicações

THAYS VIANA

De origem inglesa, a palavra fitness se tornou sinônimo de boa alimentação e forma física, mas, também, de um bem-estar mental. A indústria fitness vive em frequente mudança e atualizações. Deixou de ser algo que fazia parte da rotina das pessoas e se tornou um estilo de vida. Em decorrência desses fatores, o CrossFit virou uma marca registrada. O uso do nome só é permitido para afiliados oficiais, que fazem parte do mapa de licenciados disponível no site do CrossFit.com.

O que muitos desconhecem é que, desde 2007 o CrossFit, além de marca, se tornou uma modalidade esportiva, em que atletas do mundo inteiro passam por seletivas regionais, chamada de CrossFit Games. Nela, os competidores disputam durante três dias uma sequência de exercícios, em que o vencedor será aquele que realizar o circuito em menos tempo.

O professor de CrossFit, Antonio Abreu, de 35 anos, explica que existe uma grande diferença entre a prática da musculação e dessa modalidade. Enquanto que uma, a musculação, é mais específica e seletiva, o CrossFit é mais abrangente. Segundo ele, a ênfase das academias de musculação está na quantidade de repetições.

– A musculação é um treinamento segmentado, ou seja, o aluno vai fazer movimentos uniarticulares. Enquanto que no CrossFit é preciso ter mobilidade, velocidade, flexibilidade e força corporal que chamamos de força relativa. Dessa forma, o corpo inteiro será trabalhado.

O CrossFit é um treinamento de alta intensidade, praticado em torno de uma hora diária, dividido entre técnica, aquecimento específico, que vai de acordo com o treino principal. Em seguida, são feitos movi-



Professor de CrossFit há quase quatro anos, Antônio Abreu explica os movimentos antes do treino principal



Alunos da CrossFit JB começam a aula com uma série de alongamentos

mentos de força, que servem para aumentar a carga dos exercícios e, por último, o WOD (Work Out of the Day - treino do dia) que engloba toda a estrutura da aula com uma sequência de exercícios. Aluna de Cross-

Fit há mais de um ano, Daniela Gomes, de 29 anos, emagreceu 22 kg com a prática do esporte.

– Sou formada em jazz, já joguei futsal, fiz musculação e corrida. Mas resolvi experimentar o CrossFit para melho-

“ É como se fosse uma oportunidade de treinar para as diversidades da vida ”

Raphael Zarembo

rar a forma física e recomendo muito para qualquer pessoa.

O ambiente físico do CrossFit não se chama academia, como a maioria imagina. Na verdade, esses espaços são chamados de ‘boxes’ (caixas),

pelo fato de serem originários dos Estados Unidos. A prática é realizada em um lugar muito semelhante a uma caixa feita de cimento. Atualmente, existem cerca de 14 mil ‘boxes’ espalhadas pelo mundo. A primeira aberta no Brasil, em 2009, foi a CrossFit Brasil, em São Paulo. A capital paulista é o lugar, no Brasil, com o maior número de afiliados da marca.

O principal objetivo da modalidade é o condicionamento físico geral, numa mesma aula o aluno trabalha o corpo de uma forma completa. Contudo, a professora Natália Kostek afirma que, ao longo dos treinos, são adquiridas também condições mentais, como coragem e confiança. Natália, de 31 anos, proprietária da CrossFit JB aponta que, de fato, é intimidante se deparar nas aulas iniciais com pessoas sem camisa, musculosas e, muitas vezes, gritando.

– A CrossFit JB tenta desmistificar determinadas coisas, algumas pessoas acham que é uma modalidade difícil, que podem se machucar com facilidade. Mostramos que é um esporte totalmente inclusivo. Nós temos alunos portadores de necessidades especiais, tanto mentais quanto físicas de 70 e 14 anos, e alunos com Mal de Parkinson. Se o aluno tiver alguma limitação, adaptamos a aula para ele especificamente.

Qualquer esporte pode agregar resultados físicos na vida de quem pratica. Mas, aponta o professor Raphael Zarembo, do Departamento de Psicologia, os benefícios são visíveis e provocam efeitos colaterais que não são possíveis de enxergar da mesma forma, como por exemplo, aumento da autoestima e autoconfiança. Zarembo enfatiza que as atividades físicas podem proporcionar benefícios tanto para o convívio social como para a vida pessoal.

– O poder do esporte como desenvolvimento humano ultrapassa a questão física, é totalmente intangível, porém nítido e incrível. O principal valor dele é reproduzir em um ambiente diferente o que é a nossa vida em sociedade. É como se fosse uma oportunidade de treinar para as diversidades da vida. Como por exemplo, no trabalho e nos relacionamentos pessoais. O grande potencial da prática esportiva é conseguir fortalecer as outras esferas da vida de cada um.

FOTOS JULIANA VALENTE

CREDITO

**Literatura:** Trabalho do professor emérito de Letras Gilberto Mendonça Teles reúne depoimentos entre 1956 e 1992

# Lembranças da vida do poeta na imprensa

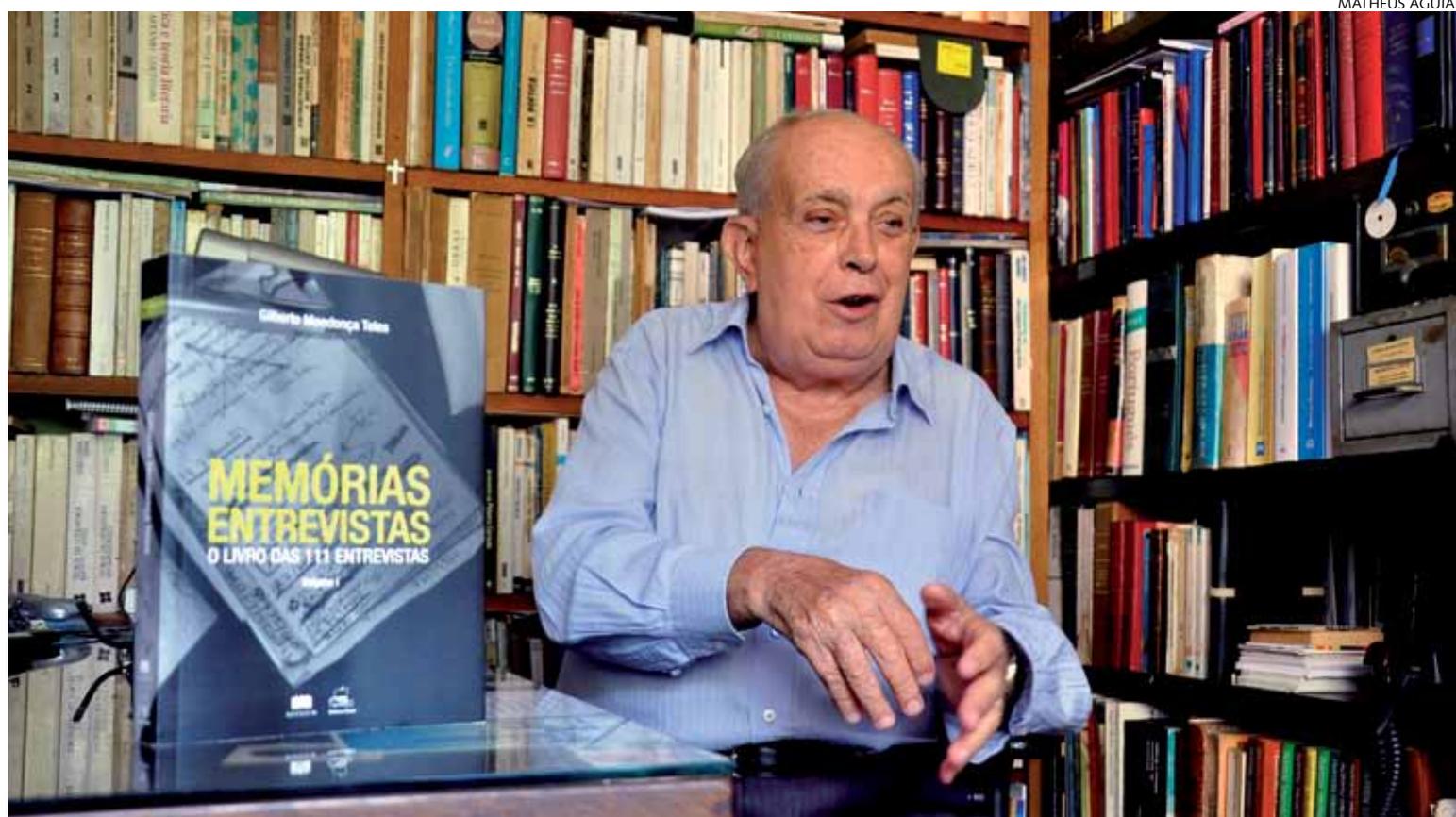
ERICK FOTI Autor lança 111 entrevistas concedidas durante a carreira

Poeta, crítico literário, pesquisador e professor emérito do Departamento de Letras da PUC-Rio, o goiano Gilberto Mendonça Teles escreveu mais de 60 livros ao longo da carreira. O novo trabalho do poeta, *Memórias Entrevistas*, lançado recentemente, apresenta um formato completamente diferente dos demais, pois publica, em ordem cronológica, 111 entrevistas concedidas por Teles entre 1956 e 1992. Como foi entrevistado cerca de 280 vezes ao longo da carreira, o autor optou por dividir a obra em dois volumes e o lançamento do segundo está previsto para o segundo semestre de 2017.

Classificado por ele como uma espécie de memória e autobiografia, o livro inclui entrevistas de diferentes épocas da vida do autor. As conversas publicadas foram divulgadas em jornais, rádios e emissoras de televisão de 14 estados brasileiros e ainda em Portugal, na Itália e nos Estados Unidos. Além desses países, um dos diálogos ocorreu na França, país de onde o escritor afirmou ter se inspirado em um livro composto por entrevistas para fazer a nova obra.

O número de diálogos escolhidos não foi arbitrário. Teles pensa que o número 111 proporciona um sentido implícito de repetição. Segundo ele, é uma característica que a experiência lhe mostrou ser comum no meio jornalístico. Apesar do tom crítico, o livro também rende elogios à imprensa ao dizer que, sem as entrevistas que concedeu ao longo da vida, ele não teria aprimorado algumas ideias e refletido sobre conceitos que o fizeram perceber um sentido mais profundo na linguagem literária.

– Muitas vezes, o repórter pergunta uma coisa que um outro já perguntou e eu acabo dando a mesma resposta. Há um sentido de repetição que eu percebo quando certo assunto



Autor do livro 'Memórias Entrevistas', Gilberto Mendonça Teles participa de mais uma entre as muitas entrevistas que concedeu ao longo da vida

“**Tudo que é escrito sobre mim entra em uma pasta e, assim, guardo entrevistas**”

Gilberto Mendonça Teles

já foi tratado. Ao mesmo tempo, a repetição do número um me aparenta continuidade. Por isso escolhi o número 111.

A facilidade relatada pelo escritor para organizar as entrevistas que estão dispostas no trabalho pôde ser observada na casa do autor. Nas paredes, repletas de livros organizados por sessões, estão dispostas

pastas com recortes de artigos, matérias e entrevistas separados em ordem cronológica. O poeta afirmou que a transcrição foi a maior dificuldade encontrada para transferir o conteúdo para a obra.

– Meu doutorado foi feito sobre a poesia do Carlos Drummond de Andrade, o que fez ficarmos amigos. Um dia, perguntei como ele organizava os arquivos relacionados ao trabalho dele e recebi a seguinte resposta: “Parto do princípio de que sou a pessoa mais importante do mundo”. Desde então, tudo que é escrito sobre mim entra em uma pasta. Se é sobre crítica, coloco em uma pasta negra, se é sobre poesia, coloco em uma pasta verde, e, com o tempo, passei a ter pastas apenas para entrevistas.

No ano de 1964, que marcou o início da repressão instituída pela ditadura militar brasileira, Teles deu uma entrevista para

o jornal O Popular, de Goiânia, em que buscava divulgar o Centro de Estudos Brasileiros da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde lecionava. Nessa ocasião, o texto foi confiscado e censurado antes de chegar aos leitores, mas o autor guardou um rascunho e publicou, de forma inédita, no novo livro *Memórias Entrevistas*.

Afetado pelas ações dos militares, o escritor foi exilado e conseguiu, através de um amigo, uma bolsa para estudar em Portugal. Enquanto estava na Europa, Teles participou de conferências e foi convidado a dar aula para brasileiros em Montevidéu, Uruguai. Depois de passar quatro anos na capital uruguaia, aposentado como professor iniciante da UFG, que ele mesmo ajudou a fundar, o autor de *Memórias Entrevistas* se mudou para o Rio de Janeiro, onde conseguiu um cargo no Itamaraty. Com a anistia, ele

pôde recuperar a posição que tinha na UFG e transferiu-se para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A história do poeta com a PUC começou no ano de 1958, quando foi contratado pela então recém-inaugurada Universidade Católica de Goiás, que hoje é a PUC-Goiás. Quando voltou do Uruguai para o Brasil, Teles iniciou na PUC-Rio, onde, hoje, é professor emérito. A relação do autor com a sala de aula baseia-se, segundo ele, em um tripé que beneficia a ele tanto quanto aos alunos.

– O estudioso tem que estudar para dar aula. Eu tinha que ler livros para lecionar e o que estudava servia para o meu papel de crítico e poeta. Então, ao longo do tempo, tornou-se perceptível que modifiquei o meu estilo literário. O que eu aprendo estudando, ensino. É um tripé em que eu e os meus alunos saímos vencedores.

Com hastes finas, o papiro-do-Egito é comum na região Delta do Rio Nilo

# Jardim de plantas bíblicas

## A riqueza da fauna e da flora registrada no Antigo e no Novo Testamento

Ao lado da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, o Jardim Bíblico abriga mais de 20 espécies de plantas que há seis milênios estão entre nós e despertam o interesse em todo o mundo. O desafio é aprender e estudar quais plantas existiram na época do Antigo e do Novo Testamento, descobrir o significado histórico e entender como elas continuam presentes na vida contemporânea. Há espécies usadas para uso medicinal, alimentação, fabricação de madeira e produção de cosméticos e antídotos. Uma oportunidade de conhecer a história pela botânica.

ANA CAROLINA SALVADOR



A mirra foi um dos presentes que Jesus ganhou no nascimento



A mamoneira é usada para fins medicinais



Em cosméticos, a hera combate rugas e celulites